

AZULEJOS DE PAPEL

Anderson Almeida

Imagens de azulejos impressas em papel jornal são coladas em muros de casas e lotes abandonados, ou casa de amigos e também distribuídas para que as pessoas façam suas próprias instalações.

Poró

Apelando para a memória amarelada

Às vésperas do Carnaval de 2009, o Poró participou do Verão Arte Contemporânea (VAC), em Belo Horizonte, com a intervenção *Azulejos de Papel*. Como tive a grande felicidade de ser convidado a acompanhar o trabalho, retribuo através deste testemunho. E, por não ser do meio das artes, toco essas peças com cuidado, afinal são azulejos, mas com alguma suspeita familiaridade, são de papel.

Anoto que, para lembrar com efetividade poética, esquecer um pouco teve o efeito de arejar a lembrança desses dois fins de semana. O que amarela na lembrança, mesmo que imediato ou sequer acontecido, é o que o poeta reporta – e que não pode o repórter. Solto do lembrado, o acontecido se desinibe como um adolescente longe dos pais. E, como os azulejos e os próprios muros onde eles estão ou estavam, estas recordações nem tão distantes também já sofreram seus três meses.

No primeiro dia, logo cedo o Marcelo me enviou um torpedo: “Ei Anderson, não se esqueça de levar um caderno de anotações...” Até levei, mas a verdade é que o deixei de lado assim que entrei no carro.

Contato

Os dois integrantes do Poro me buscaram em casa sob uma chuvinha lenta e morna que nos acompanharia sempre. Brígida, com o charme displicente e seus olhos verde-lagoa; Marcelo, que abandonara recentemente o cabelo comprido, agora com seu cavanhaque. Como os dois tinham fome, nos dirigimos à padaria mais próxima, enquanto eu terminava de lanchar uma cerveja que trazia de casa. Engraçado foi que estávamos bem tranquilos, tomando nosso café da manhã, quando a fachada da padaria começou a desabar e não cessou de cair enquanto não fomos embora, ressabiados. E antes de partirmos, ainda gastamos um instante na calçada oposta, contemplando aquele cenário de filme-catástrofe.

Com a fome aplacada, seguimos caminho. A dupla preferiu se concentrar nos tradicionais bairros Concórdia, Lagoinha e Floresta. Essa região da cidade é uma das poucas onde certa atraente maturidade pode ser apreciada na ainda jovem BH. As casas passavam pela janela do automóvel como num filme da *Novelle Vague*. Brígida Karenina, Marcelo Belmondo, François Anderson.

No bairro Concórdia, fora as janelas sonolentas, um bêbado também acompanhou o trabalho e prometeu defendê-lo dos vândalos e pichadores do bairro. E sempre que chegávamos a algum lote ou casa abandonada, alguém se aproximava, saído sabe-se lá de que canto, torcendo para que fôssemos compradores dos imóveis.

No bairro Lagoinha, tentamos contatar um casal de amigos que “por sorte” morava próximo a um dos muros eleitos, mas como os celulares das duas metades estavam desligados na tarde preguiçosa, a mensagem – a não mensagem – estava mais do que dada, e deixamos apenas pistas do tesouro através de um *sms*.

No Floresta, fomos à nascente da Avenida Jacuí, uma longa e movimentada via da cidade, e percebemos que naquele ponto ela ainda não era a Jacuí que conhecíamos. Apenas um quarteirão isolado e quieto entre a linha do metrô, alguns prédios e os fundos de um grande imóvel, do qual ondas de ausência emanavam até nós.

Andávamos sempre quase sós sob a garoa domingueira. Umhas poucas janelas piscavam preguiçosas ao vê-los colando cores à face das vizinhas. E como a cidade parecia ser inteira nossa rua, onde fôssemos nos sentíamos vizinhos. Um gigantesco condomínio no qual não se firmava a dúvida “se éramos nós que estávamos nessa prisão”.

E ao fim desse dia de intervenções, voltamos para Santa Tereza e seus bares e sua tradição, à qual as nossas pessoais se misturam. Optamos pelo *Baianeira*, onde classudos acarajés acompanharam a cerveja extra e o também extra bate-papo sobre os mundos: o mundo editorial e da arte, da política e do dinheiro, nosso mundo e nós. Nossa sagrada mesa botequeira, que nos serve de praia, de sertão e de água.

Na semana seguinte conheci o coletivo GIA, de Salvador (BA), todos gente de primeira qualidade, como diria meu pai. Vieram para também participar do VAC e nos acompanharam nesse segundo dia. Do terminal da Álvaro Cabral, onde fomos buscá-los, seguimos espremidos no carro. Enquanto comentávamos a façanha que cometeram ao deixar o sol de Salvador naqueles começos de Carnaval e vir para a chuvosa Belo Horizonte, várias sombrinhas coloridas apareciam nas calçadas.

Lanchamos dessa vez numa padaria mais sofisticada (tínhamos visita) e nos encarregamos de causar nossas próprias catástrofes, como cafés derubados e frases infames nas mesas elegantes. Depois passamos na casa da Brígida para deixarmos o material do GIA e tive o prazer de ver novamente o Monólito de Brigitte: pequena geladeira que parou de crescer à altura da minha barriga e estava sempre coberta por desenhos, lembretes, adesivos, poemas, ímãs, nuvens, ferramentas.

Nessa segunda rodada, todos nos revezamos na fixação dos azulejos com a cola que parecia uma vitamina de aveia sem banana ou um suco de chapisco. Parecia saborosa, mas não arrisquei. Fizemos algumas fotos engraçadas, outras belas e algumas engraçadas e belas.

E quando vi meus amigos com seus azulejos de papel, molhados de cola e chuva, caçando espaço entre outras belezas nas superfícies verticais, lembrei-me da mensagem sobre o caderno de anotações e me ocorreu imediatamente o *Contato*, filme com Jodie Foster baseado em livro homônimo do Carl Sagan. Na sequência em que a cientista se emociona ao ficar frente a frente com um “evento celeste”, ela só consegue dizer: “Não tenho palavras. Deviam ter enviado um poeta.” Foi o que eu quase disse a eles.

Curioso que me lembro perfeitamente do sol se apoiando em nossos ombros naqueles dias. E fico aqui tentando flagrá-lo em algum parágrafo.

A Interação

Eu não lembrava que todas aquelas casas que aprecio, quando caminho pela cidade, estavam abandonadas e não lembrava também que seu desamparo, entretanto, não é total, submissas que estão à inconstância de seus amantes.

A atração que essas construções abandonadas exercem sobre nós provavelmente acontece porque a beleza se deposita sobre elas junto com o pó e o musgo. O que existe dentro de um tempo particular atrai acúmulos. Por seu lado, esse trabalho do tempo cedeu elegância aos azulejos quando os vestiu com sua coleção de imprevistos, como fez antes aos muros e casas.

Os azulejos não transformavam os lugares em algo que não eram, antes os complementavam. Olhados de perto e com atenção podiam deixar de ser azulejos, deixar de ser papel. Passavam a ser escama, muro, galáxia. O mesmo carnaval das sombrinhas de frevo sob a garoa. Essas cores não desapareceriam quando se apagassem – tanto que as trago comigo.

Por serem de papel, os azulejos já começavam a ser transformados pela chuva e pela própria cola no momento em que eram fixados. Reproduções que se tornam matrizes. Originais que se transformam. Daí que essa intervenção, como quase todas, só se conclua quando registrada. No caso, pela fotografia, que se torna um novo original. Algumas fotos dos azulejos colados, tiradas pelos próprios criadores, me disseram um pouco mais do olhar que eles usavam enquanto colavam. Entendi através delas belezas que eu talvez não alcançasse sozinho. Muros que parecem chão. Azulejos que parecem de papel.

Essa foi uma intervenção discreta. Mas quem faz um poema, uma música, um objeto artístico “qualquer” nunca faz “pouco”, pois dá ao mundo de graça (não há dinheiro que pague) a dádiva de recordar a cada ser humano que ele pode ser mais do que apenas um elo na continuidade da espécie.

Alguns muros já estavam cheios de testemunhos dessa aventura, quase sempre noturna, que nós vivíamos à luz de um dia calmo: deixar na cidade a marca pessoal de quem está nela. Essas artes pioneiras, em geral grafites, mais os azulejos, testemunhavam nas paredes um olhar, uma

intenção humana, como as pinturas rupestres. Quando ficarmos distantes no passado, talvez os arqueólogos venham a descobrir os azulejos de papel que um dia estiveram colados ali, sobre o muro que ali houve, na cidade que um dia existiu.

A intervenção continua.

Nem todo papel é de parede.

Um amarelo muro

Marcelo talvez não se lembre, mas o primeiro azulejo de papel aconteceu há muitos anos. Embora eu não saiba de qual dos integrantes do Poro partiu a ideia desse trabalho, penso não cometer nenhuma injustiça ao imaginar que nesse dia distante nasceu nele o projeto e peço licença à Brígida, grande amiga, para lembrar um momento em que ainda não a conhecíamos. Tínhamos dezesseis anos.

Num dia a que, contra nossa vontade, acabavam de dar à luz, depois de virarmos a noite percorrendo a pé trilhas de asfalto, o olhar dele via e fazia saltarem belezas da pele suja da cidade. Uma a uma ele as mostrava a mim, apontando e decifrando. A verdade é que nunca vimos muros e paredes como obstáculos entre nós e o outro lado, mas “objetos” interessantes por si mesmos. E quanto mais essa superfície vertical estivesse trabalhada pelo tempo, movida de sua artificialidade inicial, mais nos atraía. Não é à toa que outros trabalhos do Marcelo e do Poro emulem superfícies, é que não tomam a parede apenas por um cabide.

Nessa época, se “escritor” era a palavra que me traduzia uma espécie de ápice em termos de ser humano e Marcelo já criava vigorosamente com o olhar, ainda assim não nos conduzíamos para dentro de nomes. Explorávamos uma liberdade maior que a de apenas ir e vir sem, porém, sair de si. Liberdade de pensar o que não se sabia que havia para ser pensado e, entretanto, estava bem ali, à mão, para quem o quisesse inventar (e essa proximidade, essa familiaridade estrangeira sempre fora central). Fazia muito sentido para nós pensar que as pessoas, os comportamentos, a “civilização” eram como eram apenas porque eram, não porque não pudessem ser diferentes. Nada seria absoluto, e a diferença que víamos e que “os outros” ignoravam nos fascinava ainda mais por nos parecer real.

Pois nesse dia recém-nascido, quando já quase chegávamos a sua casa, desenhando traçados inéditos no bairro, protegidos por nossa ousadia inocente, nos apaixonávamos por detalhes desdenhados das casas, pelas formas assumidas pelos sacos de lixo, por objetos jogados na inebriante Belo Horizonte que há sob Belo Horizonte... Enfim, ao final de uma noite que parecia ter durado toda uma existência humana, tão grande foi em eletricidade vital, mais uma turbina na base de ser quem seríamos, ao ladearmos um monte de lixo sobre o passeio, ele parou, notando algum cisco na harmonia esparramada do lixo. Segui seu olhar e parei também. A princípio, nada dissemos, mas logo transpusemos essa epifania silenciosa. Falávamos nosso próprio atalho, andávamos com nossos próprios olhos e, numa explosão delicada, depois de apontar para o informe objeto quadrado, sem massa, pousado no muro, ele soltou:

– Você viu aquele amarelo ali?!





M

P/O

H.

PAPER TILES

Anderson Almeida

Images of tiles printed on newsprint paper are stuck on walls of houses and derelict plots of land, or friends' houses and they are also distributed so that people can make their own installations.

Poro

Appealing to the yellowish memory

On the Eve of Carnival 2009, Poro took part in *Verão Arte Contemporânea* (Contemporary Art Summer Festival), in Belo Horizonte, with the intervention *Azulejos de Papel* (Paper Tiles). As I was lucky to be invited to accompany this work, I write this testimonial in retribution. As arts are not my area of knowledge, I touch these pieces carefully, after all they are tiles, but with a suspicious familiarity, they are made of paper.

I call attention to the fact that forgetting a little was necessary in order to refresh the memory of the things that happened on the two weekends with poetic effectiveness. What begrimes in the memory, immediately or despite having happened, is what the poet reports – and the reporter cannot. Released from memory, the event is set free like a teenager away from his parents. And, like the tiles and the walls where they are or have been, such close memories have already undergone three months.

On the first day, Marcelo sent me a text message early in the morning: “Hey Anderson, do not forget to bring your notebook...” I did bring it, but in fact I left it aside as soon as I entered the car.

Contact

The two members of Poro picked me up at home under a warm drizzle that would always be on our side. Brígida with her sloppy charm and her green-lake eyes; Marcelo, who had recently abandoned the long hair, now wearing a goatee. Because they were hungry, we drove to the closest bakery while I was finishing the beer I brought from home. Funny was that while we were calmly having our breakfast, the bakery’s facade began to collapse and didn’t stop falling until we wearily left the place. Before we were gone, we spent some time on the sidewalk across the bakery, looking at that scene of a disaster movie.

Less hungry, we got on our way. The couple preferred to focus on the traditional neighborhoods: Concórdia, Lagoinha and Floresta. This region is one of the few where certain attractive maturity can be admired in the yet young city of Belo Horizonte. The houses passed by the windshield of the car like a *Novelle Vague* film. Brígida Karenina, Marcelo Belmondo and François Anderson.

In Concórdia neighborhood, besides sleepy windows, a drunk man also watched our work and promised to defend it against neighborhood vandals and taggers. And whenever we went to some vacant lot or abandoned house, someone came out of nowhere hoping that we were property buyers.

In Lagoinha neighborhood, we tried to get in touch with a couple of friends that “fortunately” lived near one of the walls we had chosen, but since both their cell phones were turned off, we understood the message – or lack of message – and left them a clue to find the treasure by sending a text message.

At Floresta, we went to the beginning of the Jacuí Avenue, a large and busy avenue of the city, and we realized that right there it wasn’t the Jacuí we knew. It was just an isolated and quiet block between a subway line, some buildings and the back of a large property that emanated to us waves of absences.

We were walking mostly by ourselves under the Sunday drizzle. A few windows flashed a lazy light while they watched us putting some color on the neighbors’ faces. As the entire city seemed to be our street, we

felt like we were part of the neighborhood wherever we went. A huge condominium where the doubt waved “if we were the ones who were inside this prison.”

At the end of this day of interventions, we went back to Santa Tereza and its bars and its tradition, to which our personal traditions intertwines. We chose the *Baianeira* bar where the classy *acarajés* are accompanied by an extra beer and also an extra chat about different worlds: the editorial, artistic, political and financial, our world and ourselves. Our holy bar table, our beach, backland and *Agora*.

On the following week, I knew the group GIA, an art collective from Salvador (Bahia), pretty decent people, as my father would say. They came to participate in VAC and they stayed with us on the second day. From the Alvares Cabral Terminal, where we picked them up, we got on our way crammed together in the car. While we remarked how brave they were for leaving the sunny Salvador in the beginning of the Carnival to come to a rainy Belo Horizonte, many colorful umbrellas appeared on the streets.

This time, we had a snack at a finer bakery (we had guests) and we made ourselves responsible for our own catastrophes, spilling coffees and saying nasty things at elegant tables. After this, we went to Brígida's house to drop off GIA's material and I had the pleasure of seeing again the *Monólito de Brigitte* (Brigitte's Monolith): a small refrigerator that stopped growing at the height of my belly, and was always covered with drawings, reminders, stickers, poems, magnets, clouds and tools.

At the second round, we were all taking turns affixing tiles with a glue that seemed like an oat smoothie without bananas or a cement juice. It looked delicious, but I didn't try it. We took some funny, some beautiful and some funny & beautiful pictures.

When I saw my friends with their paper tiles wet from glue and rain, looking for some space among other beauties on vertical surfaces, I remembered the message about the notebook and *Contact*, a movie with Jodie Foster based on the homonymous book by Carl Sagan, immediately came to my mind. In the scene a scientist is impressed by the experience of being face to face with a “sky event”, she can only say: “I can't put it in words. They should have sent a poet”. It was what I almost told them.

It is curious how I perfectly remember those days when the sun used to lean on our shoulders. And here I am, trying to capture it in some paragraph.

The interaction

I didn't remember that all those houses I was appreciating while I walking through the city were abandoned and I also didn't remember that their abandonment, however, wasn't total, that the buildings were submissive to the inconstancy of their lovers.

The attraction that these abandoned constructions has on us probably comes from the beauty that covers them along with dust and moss. What exists in a specific time attracts accumulation. So, this action of time gave elegance to these tiles when dressed them with its collection of unexpected things, as it did before with the walls and houses.

The tiles didn't change the places into something they weren't before, but in fact, they completed them. When looked at carefully and attentively they could stop being tiles, stop being paper. Now they have become scales, wall, galaxy. The same Carnival of *frevo* umbrellas under the drizzle. These colors won't fade when the tiles are gone – so much so that I bring them with me.

Because they are made of paper, these tiles began to be transformed by the rain and by the glue at the moment that they were affixed. Reproductions have turned into originals. Originals that have changed themselves. That is why this intervention, like most interventions, is only concluded when registered. In this case, by the photograph that becomes a new original. Some pictures of the glued tiles, taken by their own creators, revealed a little more of their point of view while they were putting them on the walls. Looking at them I could understand beauties I couldn't reach by myself. Walls that look like a floor. Tiles that look as if they were made from paper.

It was a discreet intervention. But who creates a poem, a song or “any” artistic object, never does “little”, because he or she provides freely to the world (there's no money that can pay) the gift of reminding us that each human being can be more than just a link in the continuation of the specimen.

Some walls were already full of testimonies of this mostly nocturnal adventure, that we lived at the light of a calm day: to leave in the city personal signs of

its inhabitants. Those pioneering arts, generally graffiti, in addition to the tiles, register a look on the walls, a human intention, like the cave paintings. When we are going to be a distant past, archeologists might be able to discover the paper tiles that were glued there someday, on a wall that used to be there, in a city that once existed.

The intervention continues.

Not every paper is wallpaper.

A wall yellow

Maybe Marcelo can't remember, but the first paper tile happened a long time ago. Although I don't know who at Poro had the first idea for this project, I think I'm not committing any injustice when I remember that on that distant day their project was born. I ask permission for Brígida, a close friend, to remember a time before we met her. We were sixteen.

On a day that had just arisen against our will, after we had spent the whole night walking through trails of asphalt, his look perceived and emphasized beauties at the city's dirty skin. He showed them to me one by one, pointing them out and deciphering them. Actually, we had never seen the walls as obstacles between us and the other side, but as interesting "objects" on their own. The more modified by the time these vertical surfaces were, and their initial artificiality had been changed, the more we felt attracted to them. It is not by accident that other Marcelo's and Poro's works emulate surfaces, they don't just consider walls as supports to hang things on.

That time, the word "writer" probably meant to me the most of human species and Marcelo was creating vigorously using his sight, even though we didn't define ourselves as anything. We used to explore a bigger freedom than the possibility of coming and going, however, without abandoning ourselves. We were free to think what wasn't known possible of being thought of and was there nonetheless, at hand for those who wanted to invent it (and this nearness, this foreign familiarity was always at the spotlight). It did make sense for us the thought of people, their behaviors and the civilization being as they were just because they were that, and not because they could be different. Nothing would be absolute and the difference that we saw and that "the others" ignored fascinated us even more because it seemed real.

On that newborn day, we were almost at his place, drawing inexistent paths in the neighborhood, protected by our daring innocence, we fell in love with the disdained details of the houses, with the shapes of the garbage bags, with the objects thrown on the inebriant Belo Horizonte which exists under the Belo Horizonte... Well, at the end of this night that seemed to have lasted the entire human existence, so powerful was in its vital electricity, one more engine at the base of who we would become, as we were approaching some garbage on the pavement, he stopped and noticed some sign on the scattered harmony on the trash. I followed his look and stopped too. At first, we didn't say anything, but we soon overcame this silent epiphany. We spoke our own shortcut, we walked with our own eyes and, in a delicate explosion, after pointing at shapeless square object resting on the wall without weight, he said:

- Did you see that yellow there?!



ORGANIZAÇÃO [Organization]
PROJETO GRÁFICO [Graphic Design]
Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!

TRADUÇÃO E REVISÃO INGLÊS [English Translation and Revision]
Bruna Di Gioia, Ines Linke, Nayara Pinheiro Teixeira e Ronan Morais Pena

REVISÃO PORTUGUÊS [Portuguese Copyediting and Proofreading]
Letícia Féres

CRÉDITO DAS FOTOS [Photographers]
Página [page] 23 (Júlio Martins); 92-93 (Cláudia Tavares);
185 (Newton Goto); 191 (Anderson Almeida).
Todas as outras fotos foram realizadas pelo Poro.
[All other photos were taken by the Poro]

TIRAGEM DA VERSÃO IMPRESSA [Print Run]
1500 exemplares [Copies]

→ www.poro.redezero.org
poro@redezero.org

Editora RADICAL LIVROS
Caixa Postal 2255 | São Paulo, SP | Brasil | 01031-970
Tel.: (11) 3256-4178 / Fax: (11) 3129-5069
radical@radicallivros.com.br
www.radicallivros.com.br



Atribuição-Uso não-comercial 3.0 Brasil
www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/

Este livro pode ser utilizado, copiado, distribuído, exibido ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.

Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported
www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/

You are free to copy, distribute, exhibit and reproduce this book, mechanically or electrotronically, including photocopy, but you may not use this work for commercial purposes and you must give the author credits and specify the source.

Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro = Interval, Breathing, Small displacements: Poro's poetical actions / organização: Brígida Campbell, Marcelo Terça-Nada!; [tradução para o inglês: Bruna Di Gioia, Ines Linke, Nayara Pinheiro Teixeira e Ronan Morais Pena]. – São Paulo: Radical Livros, 2011.
192 p.: il.; 21 cm.

Texto em português com tradução em inglês.

1. Poro (MG) – ensaios 2. Arte – séc. XXI 3. Intervenções urbanas
4. Artes e sociedade I. Campbell, Brígida II. Terça-Nada!, Marcelo
III. Título.

CDD: 709.05

Ficha catalográfica elaborada pelo setor de referência da Biblioteca da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais



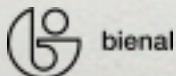
Ministério
da Cultura



> O Poro é uma dupla de artistas que atua desde 2002 realizando ações poéticas, irônicas e/ou de cunho político. As intervenções urbanas e ações efêmeras do Poro procuram levantar questionamentos sobre os problemas das cidades e buscam apontar sutilezas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos, refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços institucionais, utilizar meios de comunicação popular para realizar trabalhos e reivindicar a cidade como espaço para a arte.

> Poro, composed of two artists, acts since 2002 performing poetic, ironic and/or political actions. Poro's urban interventions and ephemeral actions aim at raising questions about urban problems and try to point out subtleties, calling attention to aspects of the city that have become invisible due to the accelerated rhythm of life in the big urban centers. Poro intends to reflect upon the possibilities of the relationship between public and institutional spaces and uses popular means of communication to create works and reclaim the city as place for art.

www.poro.redezero.org



CONTEM
POR
BRASILARTE ANEA

Ministério
da Cultura



ISBN 978-85-99600-14-7



9 788598 600147